

POPULISMO

PRÁTICA DE ENSINO DE HISTÓRIA

REPENSANDO O “POPULISMO” - OLHARES PARA A EMERGÊNCIA DAS MASSAS NA AMÉRICA LATINA NA PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX



Acesse
agora no

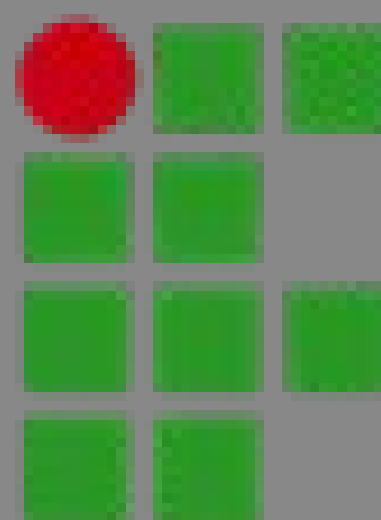


INSTITUTO FEDERAL DE ALAGOAS

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Alagoas

Práticas de Ensino de História: Repensando o “Populismo” olhares para a emergência das massas na América Latina na primeira metade do século XX

Fábio Francisco de Almeida Castilho



**INSTITUTO
FEDERAL**
Alagoas

Ministério da Educação
Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica
Instituto Federal de Alagoas

EXPEDIENTE TÉCNICO

Autor: Fábio Francisco de Almeida Castilho

Projeto gráfico: Fábio Francisco de Almeida Castilho

João Vitor da Silva Santos

Diagramação: João Vitor da Silva Santos



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Instituto Federal de Alagoas
Campus Maceió
Biblioteca Benevides Monte

981.05
C352p

Castilho, Fábio Francisco de Almeida.

Práticas de Ensino de História [recurso eletrônico] :
“repensando o populismo” olhares para a emergência das
massas na América Latina na primeira metade do século
XX / Fábio Francisco de Almeida Castilho. – Dados
eletrônicos (1 arquivo : 4 MB). – 2025.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: Internet.

ISBN: 978-65-01-40695-4.

Produto educacional do Projeto de Pesquisa Mulheres
escravizadas em Alagoas: uma proposta de pesquisa e
ensino a partir de registros de protagonismo feminino nos
periódicos locais (1870 e 1880).

Coordenador do Projeto: Dr. Fábio Francisco de
Almeida Castilho.

1. Populismo – Brasil. 2. Populismo – América Latina.
3. República Velha. I. Título.

Franciane Monick Gomes de França
Bibliotecária – CRB 4/1831

Súmario

Introdução.....	7
O populismo na América Latina.....	16
Notas.....	18

Lista de Imagens

Imagem 1: As Eleições na Primeira República.....7

Imagem 2: Trabalho urbano e conflito social.....8

Imagem 3: “ A mão de Oscar Niemayer.....9

Imagem 4: Livro populismo y contradicciones de clase en Latinoamérica.....12

Imagem 5: Livro o colapso do populismo no Brasil.....13

Imagem 6: Livro o populismo na política brasileira.....14

Imagem 7: Livro a invenção do trabalhismo.....15

Imagem 9: Livro cidadania no Brasil.....16

Apresentação

O presente material é resultado do projeto Perspectivas do Ensino Integrado e a elaboração de Produtos Educacionais para a Educação Profissional e Tecnológica, relatando uma prática de ensino sobre o tema do "populismo" em três turmas de terceiro ano do ensino médio integral do Ifal campus Maceió.

A atividade consistiu em um bloco de três aulas. Nas duas primeiras debateu-se, por meio de slides o conteúdo da Era Vargas ([link para aula 1](https://drive.google.com/drive/folders/1bjwRWI-JuNYFOi7BURCDmCs3UrhkJGRK) <https://drive.google.com/drive/folders/1bjwRWI-JuNYFOi7BURCDmCs3UrhkJGRK>) e a Experiência republicana ([link para a aula 2](https://drive.google.com/drive/folders/1XFzz-f76YTxMmonRniQJftg3SPTWuGy0) <https://drive.google.com/drive/folders/1XFzz-f76YTxMmonRniQJftg3SPTWuGy0>), cobrindo o período que se estende de 1930 a 1964. Já na terceira aula, propomos um debate conceitual, com maior aprofundamento dos conceitos de "populismo", "nacional-desenvolvimentismo" e "trabalhismo" ([link aula 3](https://drive.google.com/drive/folders/13JusnML7eDkl9j0m4XylthPKvVymMDod) <https://drive.google.com/drive/folders/13JusnML7eDkl9j0m4XylthPKvVymMDod>). Nessa última aula apresentamos uma síntese das principais correntes acadêmicas acerca do debate sobre a emergência das massas na política sul-americana na primeira metade do século XX.

Por fim, foi disponibilizado para os estudantes um texto síntese de tal historiografia. Como atividade, pedimos para os alunos se organizarem em grupo e elaborarem um mapa mental que representasse o debate e os principais conceitos. Alguns desses mapas foram selecionados e estão encartados ao final do texto.

INTRODUÇÃO

Este texto está dividido em dois objetivos. Primeiramente almejamos discutir o processo de emergência das massas na vida política da América Latina nas primeiras décadas do século XX, processo conhecido como "populismo". Em segundo lugar, assinalamos as principais interpretações a respeito do tema, procurando pontuar as diferentes interpretações e as transformações que o conceito sofreu ao longo do tempo.

Para tanto, apresentamos o prisma de diferentes autores no período que cobre as primeiras discussões que remontam a década de 1930 até trabalhos mais recentes produzidos no alvorecer do século XXI.

O início do século XX latino americano foi o período no qual se processou a emergência das massas na vida política nacional. Enquanto que no século XIX observou-se a estruturação e consolidação dos Estados Nacionais, após a ruptura dos laços coloniais, as sociedades latino-americanas estiveram submetidas a severas restrições nos direitos políticos das camadas populares. O século XIX consagrou o predomínio político de oligarquias centralizadoras.

Imagem 1: As Eleições na Primeira República



Disponível em: <https://www.tre-pr.jus.br/imagens/fotos/servidor-do-tre-pr-participa-do-livro-eleicoes-na-primeira-republica-1889-a-1930-1620752070517/@@images/45f5dd8e-7c75-4d62-b80c-9981543a6bc4.jpeg>

Em contrapartida, o século XX foi marcado pelo desafio das massas ou classes populares diante da estrutura política erigida no século XIX no quadro de nova fase de expansão do capitalismo industrial. Com o século XX emergiu em solo latino-americano uma extraordinária diversidade de atores sociais e políticos, na cidade e no campo, bem como um conjunto de projetos contestadores e alternativos á ordem política e social vigente, fazendo estabelecer a partir da terceira década, uma nova orientação geral voltada para o desenvolvimento econômico e social (AGGIO 2003).

Imagem 2: Trabalho urbano e conflito social



Trabalho urbano e conflito social: 1890–1920. Editora Companhia das Letras, 2016.

Apesar de alguns traços gerais similares, a importância assumida por essa emergência das massas na América Latina não respondeu integralmente ao significado que o mesmo fenômeno adquiriu na Europa, tampouco sua dinâmica ou resultados podem ser considerados como igualmente equivalentes. O caso latino-americano, para ser melhor compreendido, precisa ser apreciado no contexto das particularidades locais

No contexto sul-americano, a palavra “massas” assumiu o sentido particular na sociedade. Não se localiza historicamente no epicentro da luta de classes, nas dimensões afirmativas da moderna cidadania, marcante na história europeia. Massas, na América Latina, identifica a ação ou simples existência daqueles setores sociais que se encontravam alijados do sistemas políticos nacionais, isto é, deslocados integralmente do campo de possibilidades e obtenção dos direitos. Foi

dessa maneira que a noção contida no termo “massas” foi trabalhada no discurso e na ação política das elites dirigentes latino-americanas, com uma acepção antes política do que social.

De acordo com os autores quando as massas irromperam a cena política latino-americana nas primeiras décadas do século XX, as instituições políticas estruturadas pelo liberalismo demonstraram sua insuficiência no sentido de acomodar conflitos e promover a sua integração social e política. A emergência foi vinculada ou identificada com o que se convencionou chamar de “questão nacional”, gerando aproximação incontornável entre noções de “massa”, “povo” e “nação”.

Imagem 3: “A Mão” de Oscar Niemayer



Disponível em:https://pt.wikipedia.org/wiki/M%C3%A3o_%28Oscar_Niemeyer%29

Dessa forma, historicamente, a emergência das massas na vida política latino-americana esteve inteiramente vinculada aos processos de modernização econômica e social que se efetivaram em diversas partes do continente. Participando efetivamente desta intensa dinâmica de transformações milhões de pessoas provenientes dos segmentos subalternos da sociedade Atuaram, coletiva ou individualmente, reagindo àqueles processos, sobretudo das alterações que se produziram em suas vidas e aspectos positivos de realizações materiais.

Podemos anotar que entre as grandes conquistas promovidas por este processo modernizador encontram-se o impulso à industrialização e a urbanização, bem como o alargamento da esfera dos direitos para os setores subalternos da sociedade. Esse movimento modernizador mobilizou parcelas significativas das classes populares em diversos países, sendo caracterizado pela literatura que analisou esse período

como movimento de caráter “nacional popular” ou mesmo “nacional desenvolvimentista”, e sua forma política foi invariavelmente qualificada com base no termo “populismo”.

É a partir deste contexto histórico que se tem a integração determinada das massas no interior dos sistemas políticos nacionais. Essa passagem não esteve isenta de conflitos políticos massivos e extremamente importantes que afetaram em profundidade a ordem política anteriormente vigente. Antecipados pela experiência da Revolução Mexicana em 1910, poderíamos dizer que o marco inicial de instalação dessa dinâmica conflitiva, e que seriam responsáveis pela promoção de um novo cenário histórico no continente, foram os acontecimentos políticos posteriores à eleição presidencial de Arturo Alessandri, no Chile, em 1920, a chamada revolução de

1930 no Brasil, seguida pela ascensão ao poder de J. Domingo Perón, na Argentina, em 1946. Como observou J.L. Romero (2023), as classes populares latino-americanas, quase totalmente passivas até pouco tempo, apareceram em muitos países como uma força eruptiva, incapaz talvez, de orientar-se por si mesmas, propensas a dirigir o seu formidável poder em favor a quem as seduzisse.

Assim, a partir dessa situação, a presença das massas populares passou a assumir um sentido e uma perspectiva mais ampla, influenciando decisivamente as condições de vida política nos países latino americanos .

O populismo na América Latina: Olhares ao longo do tempo

Ao longo do século XX diversas interpretações e leituras foram feitas acerca do fenômeno de surgimento de camadas populares na vida política. Todas elas procuravam chamar a atenção para o fato de que a emergência das massas na vida política latino-americana havia ganhado historicamente contornos bastante próprios e precisava ser apreendida por um conceito que expressasse essa particularidade.

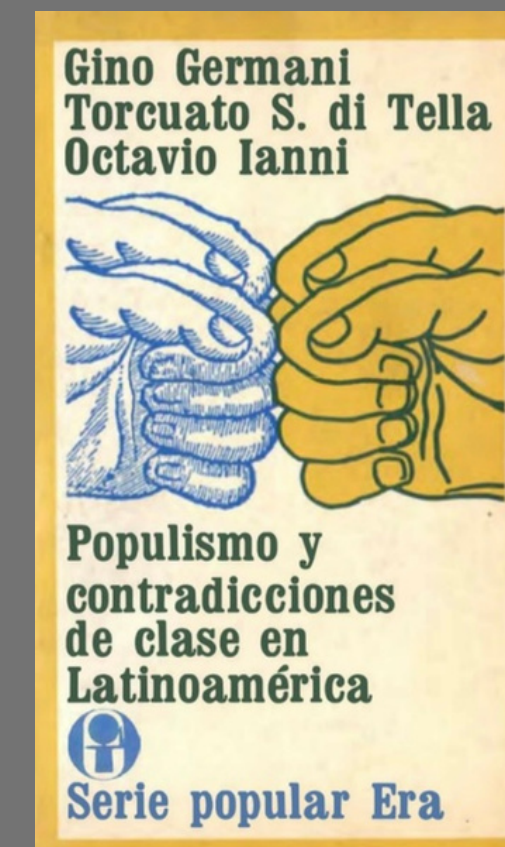
Buscou-se a construção de um conceito que fosse capaz de expressar e explicar uma realidade política que se concebia como própria da América Latina. A nova definição teria sido construída para expressar processos que resultaram da superação dos regimes oligárquicos operados por uma recomposição de ordem político social visando a renovação e atualização das estruturas de dominação precedente.

Os regimes e/ou governos caracterizados como populistas emergiram num continente marcado pela crise Oligárquica, pela crise da economia agrária e de monocultura exportadora. Estas interpretações ainda revelam o desejo, por parte das lideranças populistas, de realizar transformações com alto grau de continuidade e sem a ruptura violenta que experimentaram o processo socialista e capitalista industrial.

Para descrever, interpretar e analisar todo esse processo, o conceito de populismo passou a ocupar um papel de relevo no vocabulário político e também no léxico das ciências sociais da América Latina. Sua centralidade o colocou como um conceito que assumiu a função de “teoria explicativa” das sociedades latino-americanas, que visa apresentar o populismo como um fator essencial na explicação dos descaminhos da modernização do continente, que teve no Estado seu elemento impulsionador fundamental.

Com efeito, tão intrincado fenômeno social e político influenciou de forma marcante a nascente sociologia latino-americana. Contemporânea ao chamado populismo, a interpretação dos fenômenos elaborada pelo sociólogo Gino Germani e Torcuato di Tella baseou-se em tipos ideais de sociedade que se contrapunham em oposição duais e excludentes (Ferreira, 2010). Essa interpretação definiu o populismo como um fenômeno de assincronia verificado no processo de transição da sociedade tradicional para sociedade industrial moderna. O modelo fundamental foi a sociedade europeia. O populismo atuaria precisamente no sentido de interpretar essas sociedades, lançando mão de uma ideologia demagógica e de tipo reformista que interpelaria as massas populares em seu apoio. Estas, por sua vez, transfeririam o seu poder e legitimidade aos líderes populistas.

Imagem 4: Livro Populismo y contradicciones de clase en Latinoamérica

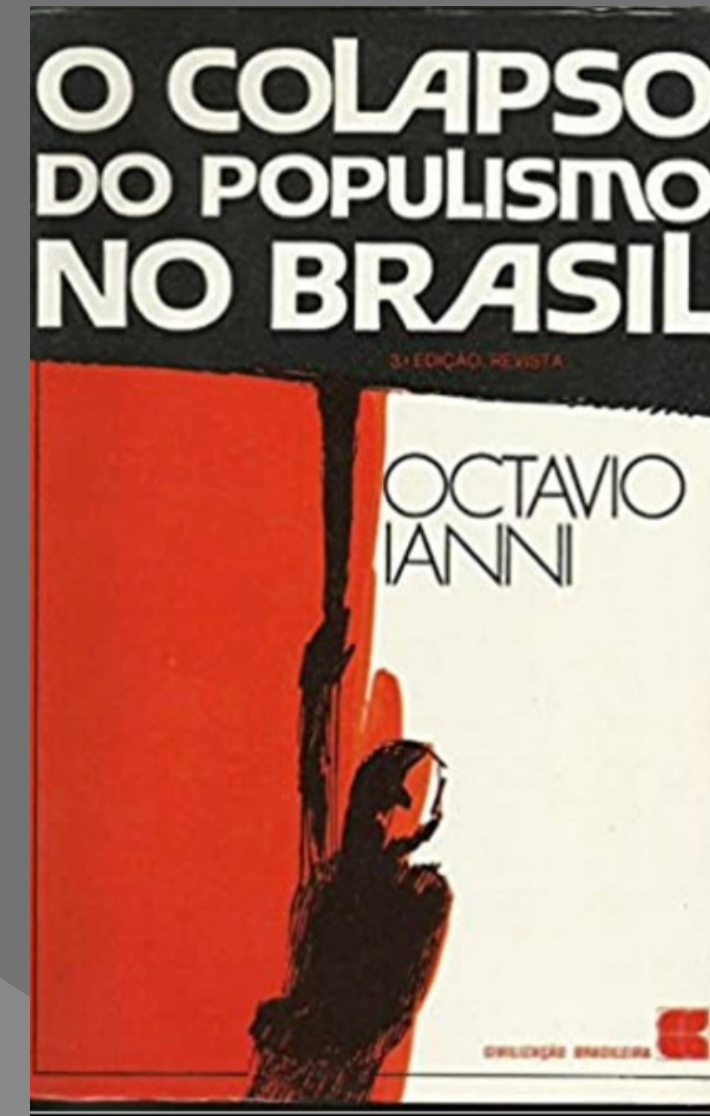


Populismo y contradicciones de clase en Latinoamérica: selección y presentación de Octavio Ianni. (No Title), 1973.

Esta interpretação aponta a dificuldade e enfatiza o fracasso do processo de integração social nas sociedades latino-americanas, observando que, as massas populares, não assumiam o poder automaticamente, seriam manipuladas devido sua inexperiência e ausência de organização e autonomia, selando, em definitivo, a impossibilidade de instalar-se a democracia liberal representativa na América Latina. O populismo seria uma interdição na via de passagem “clássica” à modernidade.

A sociologia latino-americana nas décadas de 1960 e 1970 produziu uma segunda interpretação em que se destacam os brasileiros Otávio Ianni e Francisco Weffort. Influenciados pela “teoria da dependência”, associam o populismo ao processo de industrialização substitutiva.¹ O populismo expressaria uma nova configuração econômica que a sociedade havia atingido, na qual as plataformas aglutinadoras e catalisadoras da chamada “coalizão populista” seriam o nacional-desenvolvimentismo e a política social de massas. O populismo passa a ser visto aqui como um fenômeno de massas, essencialmente urbanas. O Brasil é o paradigma histórico de referência dessa interpretação.

Imagem 5: Livro o colapso do populismo no Brasil



IANNI, Otávio. O colapso do populismo no Brasil. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

Quando os grupos oligárquicos foram deslocados do poder do Estado, nenhuma outra classe social havia demonstrado capacidade hegemônica para assumir o seu controle integral, as massas populares aparecem neste contexto como único segmento social capaz de garantir legitimidade ao novo Estado que emergiu da Revolução de 1930”. Essa incapacidade ou vazio político caracteriza o “Estado de Compromisso” ou “Estado de Massas”. Este Estado realizaria uma política social de proteção aos pobres, autonomizando-se da sociedade e afirmando-se como um “árbitro político”. Por outro lado , o populismo elaborou uma situação de manipulação

e integração que foi capaz de capturar as massas populares. A imaturidade e a falta de consciência da classe proletária impede a execução de uma política autônoma.

Dessa forma, a política de massas do populismo atuou inexoravelmente sobre “massas disponíveis” por meio de demagogia e da extensão de direitos sociais a determinadas categorias, isso fez com que a classe operária se apresentasse de maneira subalterna e sem autonomia política.

Imagem 5: Livro O populismo na política brasileira



WEFFORT, Francisco C. O populismo na política brasileira. (No Title), 1978.

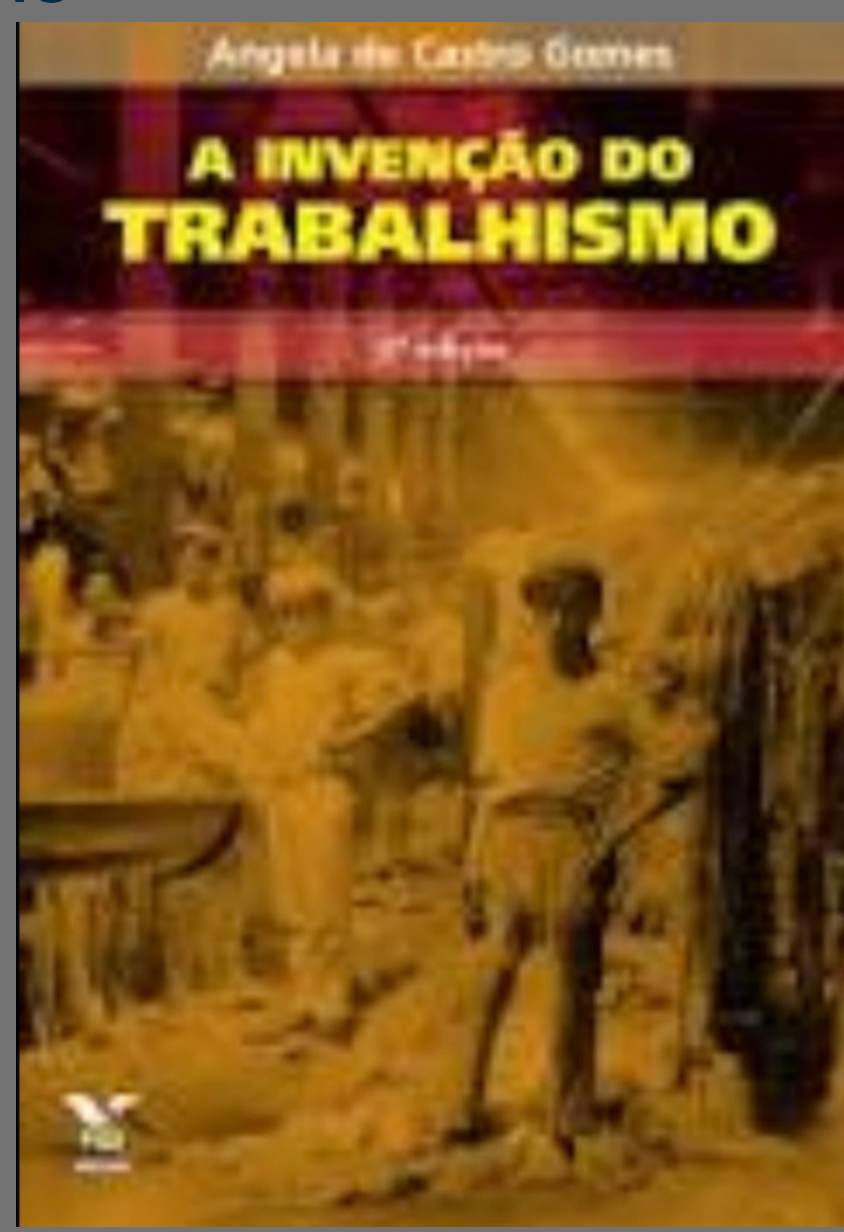
O populismo é compreendido como um movimento que faz parte dos processos de imposição da sociedade industrial, mas, nos quais as classes operárias e os setores populares apresentam-se como integralmente passivos, não se constituindo como verdadeiros atores do processo. Admite-se que o populismo foi “um modo determinante e concreto de manipulação das classes populares” (WEFFORT, 1978, p. 76).

No entanto, interpretações que se desenvolveram no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, de autores classificados com a chamada “nova história política”, foram responsáveis por retomar e atualizar o olhar sobre o populismo. Esta linha interpretativa declara como objetivo a “reconstrução histórica concreta dos vários populismos e afasta-se das discussões teóricas e das grandes sínteses”. Todavia, é possível verificar que essa opção historiográfica permaneceu aferrada à estrita noção de que o populismo representa uma “solução específica” para um problema histórico da

natureza geral: a crise do liberalismo na conjuntura do imediato final da Primeira Guerra Mundial (Ferreira, 2010).

Angela Castro Gomes (1998) procurou formular uma explicação mais realista e historicamente mais objetiva a respeito da relação Estado e massas, reinterpretando o principal recurso para a obtenção de legitimidade na ação política dos populistas: a noção de “manipulação”. Manipulação populista, não é, de maneira simplista, uma estratégia urdida por políticos espertos para enganar o povo ingênuo. É bem mais complexo, pois é tanto uma forma de controle sobre as massas, como uma forma de entender suas reais demandas. A política populista é avaliada como um caminho de acesso dos interesses dos setores populares.

Imagem 6: Capa do livro A invenção do trabalhismo



GOMES, Angela de Castro. A invenção do trabalhismo. Editora FGV, 2015.

Por essa razão, para a autora, o populismo não foi um setor limitante da experiência democrática das camadas populares. Ao contrário, possibilitou às massas vivenciarem uma experiência democrática de “modernização política”, determinada historicamente (GOMES,1998).

Mesma avaliação sugere José Murilo de Carvalho ao considerar que o populismo não deve ser tomado por critérios reducionistas ou esquemáticos, desprezando seu caráter dinâmico e transformador. As lideranças populistas não mantinham estreito controle sobre as camadas populares sem que essas tivessem influências em suas ações e consequenteme

-te, na alteração dos rumos e das circunstâncias políticas que iriam definir diferentes conjunturas que marcariam as histórias nacionais da América Latina do século XX. Para o autor, populismo pode ser considerado manipulação política, uma vez que seus líderes pertenciam às elites tradicionais e não tinham vinculação autêntica com as massas. Pode-se alegar que o povo era massa de manobra em disputa de grupos dominantes. Mas o controle que tinham esses líderes sobre as vontades era menor do que na situação anterior. Baseava-se em apelos paternalistas ou carismáticos, não em coerção. Exigia certo convencimento, certa relação de reciprocidade que não era puramente individual. As lideranças populistas exibiam como crédito a legislação trabalhista e social, os aumentos no salário mínimo. Sobretudo, a relação populista era dinâmica. A cada nova eleição, fortaleciam-se os partidos populares,

e aumentava o grau de independência e discernimento do eleitorado. Era um aprendizado democrático que exigia algum tempo para ser consolidado, mas que caminhava com firmeza (CARVALHO 2001).

Imagem 7: capa do livro Cidadania no Brasil



CARVALHO, José Murilo. Cidadania no Brasil. O longo caminho, v. 18, p. 18, 2001.

Já para Daniel Aarão Reis Filho, o termo populismo popularizou-se no contexto do golpe civil militar de 1964 como uma recriação conservadora à tradição trabalhista que se constituiu durante o processo de modernização e industrialização do continente e se caracterizou por um programa nacionalista, estatista e popular. Segundo o autor, nos anos 1950, o termo po-

populismo foi cunhado para destruir a identidade da tradição trabalhista, apagando até o seu nome. Assim, o “trabalhismo se fez populismo” e o novo termo foi utilizado para estigmatizar os movimentos sociais e suas lideranças. O populismo passa a designar para os conservadores tudo que de pior poderia existir na cultura política contemporânea (REIS FILHO, 2001).

Em trabalhos mais recentes, Jorge Ferreira e Lucília Delgado (2019), por sua vez, assinalam os ganhos trabalhistas no período que garantiram apoio às liderança populistas, especialmente pelo receio das classes trabalhadoras de perder seus direitos recém adquiridos. Portanto, não tratava-se de falta de consciência política, mas de desconfiança nos grupos opositores.

Alberto Aggio (2022) considera, a despeito dos avanços produzidos por esta historiografia, o populismo permanece balizando e dirigindo os posicionamentos teóricos e a investigação sobre o tema, isto enfatiza o sentido inteiramente negativo atribuído ao populismo, uma vez que os fundamentos de organização empreendido pelo nacional desenvolvimentismo estiveram na ação estatal que acabou por produzir apenas a reciclagem do domínio das oligarquias tradicionais.

constituídas das diversas modalidades de “Revolução Passiva”,² que de alguma forma, e apesar de muitos aspectos negativos, promoveram avanços econômicos fundamentais na industrialização, bem como uma determinada modernização política, que, de nenhuma maneira deve ser desprezada.

Neste breve balanço não buscamos reproduzir as ideias de cada autor em detalhes, a intenção foi mais produzir um resumo a partir de um fio condutor: a emersão das massas na América Latina no início do século XX e suas interpretações. Espera-se que o material possa ser utilizado em sala de aula, no ensino médio integrado, em especial para as turmas de terceiro ano.

Notas

1 A industrialização por substituição das importações é um procedimento que eleva a produção interna de um país, ao passo que, diminui as suas importações. De acordo com Rodrigues (1998), O Brasil começou a migrar de uma economia agrário-exportadora para uma economia industrial fazendo a substituição de mercadorias importadas, adquirindo bens de capital dos países do centro do capitalismo, bem como protegendo a indústria nascente, por meio da imposição de fortes barreiras alfandegárias.

2 O conceito de "revolução passiva" refere-se ao processo de modernização do Estado através de uma série de reformas sem passar pela revolução política de tipo radical, também pode ser chamado de “modernização conservadora”. Cf. GÓES e RICUPERO, 2013.

Mapa Mental 1



Fonte: Alunos do curso técnico integrado ao nível médio de eletrotécnica campus Maceió,2025
Davi do Nascimento Santos
Lucas Vasconcelos Dorville
Patrick Ryan Medeiros de Lima

Mapa Mental 2



Fonte: Alunos do curso técnico integrado ao nível médio de eletrônica campus Maceió, 2025

Ewerton Joaquim da Silva Oliveira

Ivo Angelo Jorge Neto

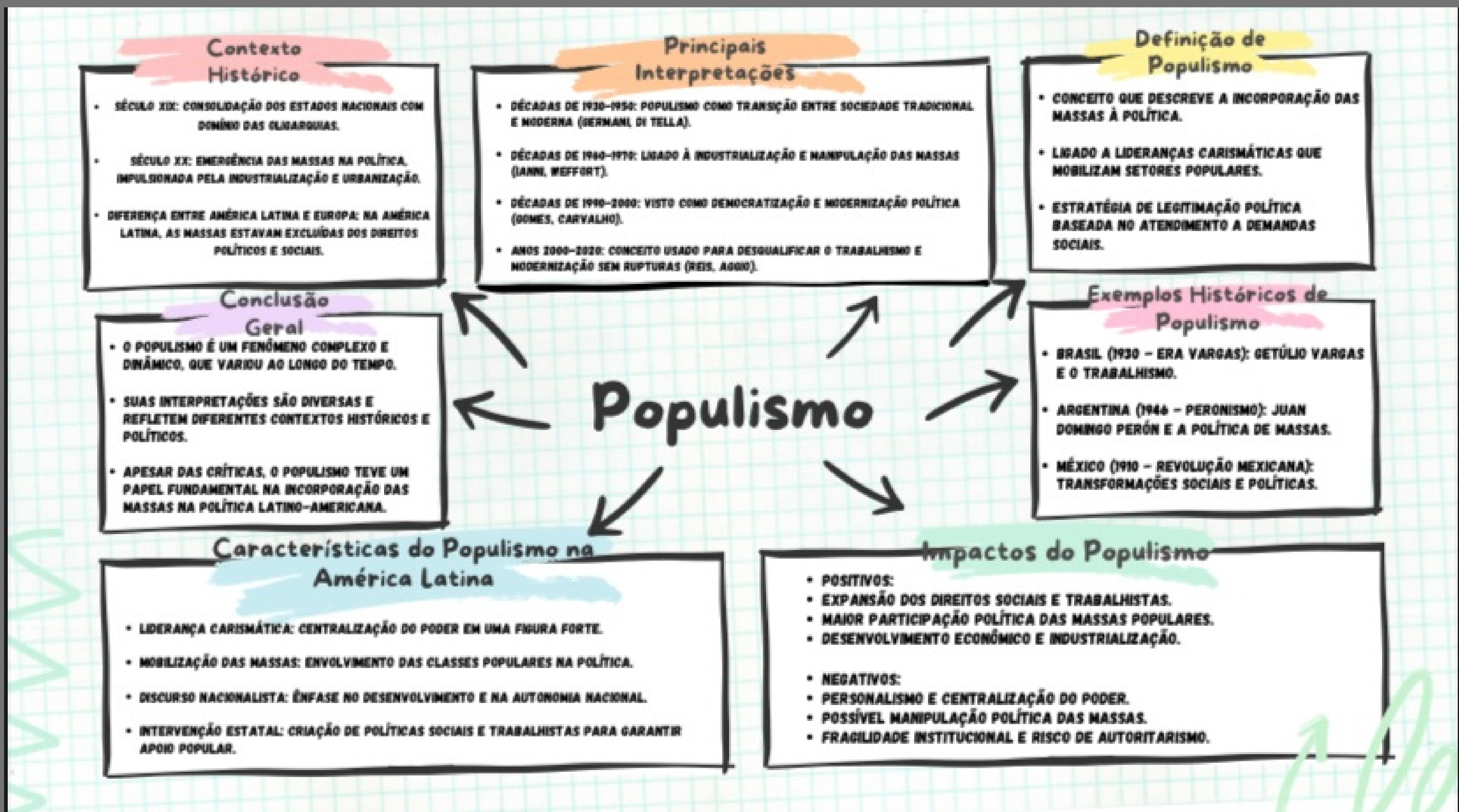
Mapa Mental 3



Fonte: Aluno do curso técnico integrado ao nível médio de eletrotécnica campus Maceió, 2025

Pedro Cesar Celino da Silva

Mapa Mental 4



Fonte: Aluno do curso técnico integrado ao nível médio de eletrônica campus Maceió,2025
Gustavo Rodrigues Lima Cruz

REFERÊNCIAS

AGGIO, Alberto. A emergência das massas e a teoria do populismo na América Latina. Pensar o século XX: política e história na América Latina. São Paulo: Unesp, 2003.

——— Brasil e Chile: uma história comparada de golpes, autoritarismo e democracia. Caracol, n. 23, p. 70–91, 2022.

CARVALHO, José Murilo. Cidadania no Brasil. O longo caminho, v. 18, p. 18, 2001.

FAUSTO, Boris. Trabalho urbano e conflito social: 1890–1920. Editora Companhia das Letras, 2016.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. O Brasil Republicano: O tempo da experiência democrática—vol. 3: Da democratização de 1945 ao golpe civil–militar de 1964. Editora José Olympio, 2019.

FERREIRA, Jorge Luiz. O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

GÓES, Camila Massaro; RICUPERO, Bernardo. Revolução Passiva no Brasil: uma ideia fora do lugar?. Tempo da Ciência, v. 20, n. 40, p. 161–192, 2013.

GOMES, Ângela de Castro. A política brasileira em busca da modernidade: na fronteira entre o público e o privado. História da vida privada no Brasil, v. 4, p. 490–558, 1998.

IANNI, Otávio. O colapso do populismo no Brasil. 4.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

REIS FILHO, Daniel Aarão. O colapso do colapso do populismo ou a propósito de uma herança maldita. O populismo e sua história: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, p. 319–377, 2001.

RICCI, Paolo (org.). As eleições na Primeira República, 1889–1930. Brasília: Tribunal Superior Eleitoral, 2021. 178 p. DOI: <https://doi.org/10.57025/9786587461069>

RODRIGUES, J. O Moderno Príncipe Industrial: o pensamento pedagógico da Confederação Nacional da Indústria. Campinas: Autores Associados, 1998.

ROMERO, José Luis. Latinoamérica, las ciudades y las ideas. Siglo XXI editores, 2023.

WEFFORT, Francisco C. O populismo na política brasileira. (No Title), 1978.